

Educação Popular e Estudos Feministas: Problematizando a produção de tecelãs

Amanda Motta Castro¹

A tecelagem manual e os lugares desta pesquisa

Este texto apresenta a pesquisa de doutorado já qualificada, intitulada “*Fios, Tramas, Cores, Repassos e inventabilidade: A Formação de tecelãs mineiras*”. A pesquisa está em andamento e é realizada na UNISINOS, RS/Brasil. O objetivo principal da pesquisa é compreender e discutir como ocorre o processo de Ensinar e Aprender da tecelagem manual no município de Resende Costa no estado mineiro de Minas Gerais/Brasil.

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de apoio às Micro e pequenas empresas (SEBRAE, 2005) no Brasil existe cerca de cinco milhões de pessoas trabalhando com o artesanato, isso representa 0,5% do PIB.

Localizado no interior do estado de Minas Gerais na região sudeste do Brasil, Resende Costa, município da Região das Vertentes, foi criado em 30/08/1911, tem área total de 631,561 km² e esta localizado a 186 km de Belo Horizonte, capital mineira.

Assim como na maioria do estado de Minas Gerais Resende Costa foi colonizado por portugueses. Na cidade temos uma biblioteca municipal que empresta livros para a comunidade, não temos cinema nem teatro, a cidade conta com um semáforo, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias e 98 lojas de artesanato.

A cidade vive hoje do artesanato, é a tecelagem manual que fornece trabalho para a cidade, tanto direto como indiretamente. Aja vista os pequenos restaurantes, postos de gasolina e bares da cidade que sobrevive graças aos turistas que vem a cidade para comprar peças de tecelagem nas lojas e também nas casas da pequena cidade.

O artesanato têxtil desenvolvido na pequena cidade mineira vem de longa data, primeiro este era feito para garantir o suprimento de utensílios para casa. Segundo relato das tecelãs mais velhas da cidade a tecelagem começou a ser feita para a venda por volta de 1950, esta foi à forma que as mulheres da cidade encontraram para terem dinheiro e ao mesmo tempo ficar em casa para cuidar da família e dar conta do trabalho domestico. Deste modo, as mulheres passaram a ensinaram suas filhas, netas, bisnetas. O trabalho de tecer, para que também estas tivesse um “dinheirinho” e pudesse ficar cuidando da casa.

Na cidade onde acordamos com o barulho dos teares, o emprego para os homens estava cada vez mais difícil, por conta disso, as mulheres resolveram ensinar a tecelagem para os homens, hoje

temos uma cidade onde a produção da tecelagem manual abarca homens e mulheres de todas as idades. Entretanto as mulheres são as que mais tecem e em suas mãos encontrasse o processo de ensino e aprendizagem da tecelagem manual.

Contribuições da Educação Popular para pensar a produção artesanal

Brandão (2007) afirma que ninguém escapa da Educação. Em diversos lugares e espaços ela está presente na vida de mulheres e homens, e nos acompanha durante toda a vida. Por muito tempo, a Educação foi pensada na lógica tradicional.

Freire vai denunciar e buscar romper com essa lógica. Para ele, a Educação é sempre um ato político. Defende que o ato educativo seja pautado na formação crítica dos educandos/as, o que ocorre por meio da problematização, da leitura do mundo, com o objetivo de levá-los ao que denomina processo de conscientização. Uma educação que acontece na relação de homens e mulheres entre si, mediatizados pelo mundo.

Segundo José Romão (2008), para Freire não existe “a educação”, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seu saber, partilharem o que são. Sob este princípio, podemos pensar na Educação em diversos espaços, como o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelas mulheres em Alvorada e Resende Costa.

Sem dúvida, Freire abre no Brasil e na América Latina a discussão e a possibilidade sobre a Educação não-formal, logo a discussão entre Educação Formal, não - Formal está posta no bojo das discussões acadêmicas, talvez porque as fronteiras entre estas sejam tênues (CUNHA, 2010).

A Educação formal inclui as práticas educativas realizadas em ambientes formais de ensino com devida certificação. Ela é desenvolvida em escolas, universidades, com conteúdos demarcados, currículo e avaliação. Na Educação formal, os espaços são os do território das instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais do Ministério da Educação.

A educação não-formal é entendida como aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, e é desenvolvida através de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos. Esta educação é ensinada e aprendida ao longo da vida, se aprende diferente da escola “formal”, "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nessa perspectiva, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em

¹ Mestra em Educação pela UNISINOS. Doutoranda em Educação pela mesma instituição. Bolsista CAPES. Assistente de Pesquisa do Programa Gênero e Religião da EST. Contato: motta.amanda@terra.com.br

locais não-formais de ensino. Essa Educação é constituída por todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada (TORRES, 1992).

Conclusões Parciais

Em seu livro *O Artífice*, Richard Sennett (2009) aponta que devemos desconfiar dos supostos talentos inatos. O mesmo autor afirma que a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem, logo podemos afirmar que, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como por exemplo, uma colcha bem tramada com suas diversas cores e formatos, é fato que a artesã que a fez aprendeu a técnica e a arte dos teares.

Para Sennett (2009), são necessárias 10 mil horas de experiência para termos uma artesã qualificada, portanto, quando falamos em artesanato, estamos falando de horas de estudo, mesmo que esse processo não seja formalmente reconhecido.

Na cidade onde acordamos com os barulhos dos teares e olhamos as lojas cheias de turistas comprando os produtos, feitos muitas vezes no quintal das casas, pode passar despercebido o fato de que existe um processo de ensino e aprendizagem da técnica de tecer.

O processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelas mulheres tecelãs nos lugares dessa pesquisa ocorre por meio de uma pedagogia não-formal e se dá, sobretudo, no cotidiano. Em Resende Costa, esse processo é desenvolvido em casa, as mulheres mais velhas ensinam suas filhas, filhos, netas, durante as atividades do dia a dia.

Para Sennett, “a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente” (2009, p. 57). Essa separação histórica levou os homens a ficarem com o trabalho “da cabeça”, e as mulheres com o trabalho “das mãos”, pois no imaginário popular o trabalho com as mãos é menos complexo e exige menos qualificação (KERGOAT, 2011).

Compreendemos que para o (re)conhecimento da produção artesanal, realizada pelas mãos de pessoas que aprenderam a técnica dos fios é pertinente o dialogo entre Educação Popular e Feminismo. Isso porque a Educação Popular trabalha para o desvelamento das Pedagogias desenvolvidas às margens das instituições formais de ensino e que por este motivo são socialmente menos reconhecidas (Streck, 2010), e o Feminismo trabalha para politizar o privado e o cotidiano (Dorlin, 2009 Gebara, 2008) e a partir desse contexto vai afirmar que no cotidiano existe conhecimento.

Com base neste dialogo – Educação Popular e Feminismo - nossa pesquisa busca visibilizar o invisível e através da denuncia de que a sociedade patriarcal inferioriza o conhecimento das mulheres, buscamos o reconhecimento que entre os fios existe conhecimento e a partir disso

queremos compreender na prática que não existe saberes maiores, mais importantes ou significativos, mas saberes diferentes (Freire, 2001, 2003) e que sua hierarquização foi construída socialmente.

REFERENCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CUNHA, Aline Lemos. “**Histórias em múltiplos fios**”: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Tese de doutorado. Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. 2010.

DORLIN, Elsa. **Sexo, género y sexualidades: introducción a la teoría feminista**. Buenos Aires: Claves, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo. Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. IN NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: **Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KERGOAT, Prisca. Ofício. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (org). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

MACEDO, Concessa Vaz de. A indústria têxtil suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação. **Varia Historia**, v 22, n 35, jan-jun, 2006.

ROMÃO, José. Educação. IN: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009

STRECK, Danilo. Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: v.15 n.44 maio/ago. 2010

TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não formal na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.